

DOI: <https://doi.org/10.23925/ddem.v.2.n.8.64348>

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

## **DISCURSO PROFERIDO PELO PROFESSOR ROQUE ANTONIO CARRAZZA NA CERIMÔNIA QUE RECEBEU O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO<sup>1</sup>**

Roque Antonio Carrazza<sup>2</sup>

- ✓ Excelentíssima Senhora Professora Doutora Maria Amália Pie Abib Andery, Magnífica Reitora da PUC/SP.

<sup>1</sup> Evento realizado no dia 23/08/2023, no Auditório: Tuca Arena, da PUC-SP.

<sup>2</sup> Graduado em Direito (Ciências Sociais Aplicadas) pela Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1972), tendo sido escolhido, por concurso, orador da turma. Mestre em Direito Tributário pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1976). Doutor em Direito Tributário pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1978). Livre-docente em Direito Tributário pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985). Ocupa, desde 1989, o cargo de Professor Titular de Direito Tributário da Faculdade de Direito da PUC/SP (aprovado em concurso público, realizado em 1989). Recebeu o título de Professor Emérito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no ano de 2023. Foi Vice-Diretor da Faculdade de Direito da PUC/SP (de 1979 a 1981) e Coordenador do Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito da PUC/SP (de 1983 a 1991). Atualmente é Vice-Chefe do Departamento de Direito Tributário, Comercial e Econômico da Faculdade de Direito da PUC/SP (ocupou o cargo de Chefe do Departamento de 1991 a 2013 e voltou a ocupá-lo de 2016 a 07/2023). É, ainda, membro da União dos Juristas Católicos de São Paulo (UJUCASP), da Academia Paulista de Letras Jurídicas (onde ocupa a cadeira n 27), da Academia Paulista de Direito (que presidiu de 2002 a 2008 e onde ocupa a cadeira n 39), da Academia Brasileira de Direito Tributário (onde ocupa a cadeira n 19), do Conselho Superior de Direito da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, do Conselho Jurídico da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, do Conselho Deliberativo do Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP) e do Conselho de Membros Catedráticos da Academia Brasileira de Direito Constitucional (ABDConst). Professor Honorário do Centro de Estudos Universitários Law School (CEU Law School), do Estado de São Paulo, integra, no Brasil e no exterior, diversos institutos jurídicos, associações e comunidades científicas, além de conselhos editoriais de revistas especializadas em Direito Público. Tem igualmente integrado inúmeras bancas examinadoras, inclusive no exterior, e participado, como conferencista ou debatedor, de congressos, seminários e simpósios jurídicos, em todo o território nacional e em outros países. Recebeu, entre outros prêmios, homenagens e condecorações, a Medalha Faculdade de Direito da PUC/SP por ter se destacado, de modo particular e compatível com os princípios da Universidade, na defesa da ordem jurídica, dos direitos humanos e da ordem social. É autor dos livros O Sujeito Ativo da Obrigação Tributária (publicado em 1977), O Regulamento no Direito Tributário Brasileiro (publicado em 1981), Conflitos de Competência: um caso concreto (publicado em 1984), Princípios Constitucionais Tributários e Competência Tributária (publicado em 1986), Curso de Direito Constitucional Tributário (publicado em 1991 e já na 34ª edição), ICMS (publicado em 1994 e já na 19ª edição), A Imunidade Tributária das Empresas Estatais Delegatárias de Serviços Públicos (publicado em 2004), Imposto sobre a Renda: perfil constitucional e temas específicos (publicado em 2005 e já na 3ª edição), A Imunidade Tributária das Fundações de Direito Público (publicado em 2006), Reflexões sobre a Obrigação Tributária (publicado em 2010) e Imunidades Tributárias dos Templos e Instituições Religiosas (publicado em 2015). Este último trabalho, sem prejuízo dos demais, é considerado uma obra de referência, tendo merecido do notável Professor Titular e Emérito Ives Gandra da Silva Martins, a observação de que preenche lacuna que até agora, inexplicavelmente, apesar de alguns estudos esparsos, permanecia. É também autor de mais de 30 livros em coautoria e de aproximadamente trezentos artigos doutrinários. [roque@carrazza.adv.br](mailto:roque@carrazza.adv.br). <https://orcid.org/0000-0003-3402-5276>.

- ✓ Excelentíssimo Senhor Desembargador Ricardo Mair Anafe, Digníssimo Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça de São Paulo.
- ✓ Excelentíssimo Senhor Desembargador Federal Antonio Carlos Cedenho, Digníssimo Vice-Presidente do Egrégio Tribunal Regional Federal da Terceira Região.
- ✓ Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Vidal Serrano Nunes Jr., Digníssimo Diretor da Faculdade de Direito da PUC/SP.
- ✓ Excelentíssima Senhora Professora Doutora Ângela Brambilla Lessa, Digníssima Vice-Reitora da PUC/SP, em cuja pessoa peço vênias para cumprimentar a todos os integrantes do Egrégio Conselho Universitário.
- ✓ Excelentíssimo Senhor Desembargador Wanderley José Federighi, Digníssimo Presidente da Sessão de Direito Público do Tribunal de Justiça de São Paulo, em cuja pessoa peço vênias para cumprimentar a todas as autoridades presentes.
- ✓ Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Fábio Mariano da Silva, Digníssimo Secretário Geral da Reitoria da PUC/SP.
- ✓ Minhas senhoras e meus senhores.
- ✓ Prezados Amigos.

1. Os que me conhecem sabem que normalmente falo de improviso ou, quando muito, alinhavo algumas ideias centrais, deixando que a emoção do momento conduza o fio do meu discurso, como, mal comparando, fez Cervantes, ao dar vida e colocar na estrada o insuperável herói D. Quixote de La Mancha.

Hoje, porém, deliberei ler o meu discurso. A grandiosidade do evento, a presença de tantas autoridades, de tantos professores, funcionários, alunos, familiares e amigos (que amigos são todos os que aqui se encontram), e – por que não? –, a própria tradição acadêmica, aconselharam-me a registrar por escrito meus sentimentos. Depois, como se sabe, “a palavra voa, a escrita permanece” (*verba volant, scripta manent*).

2. De qualquer modo, agradeço desde já a presença de todos, nesta sessão solene do Egrégio Conselho Universitário da PUC/SP, na qual acabo de receber o honroso título de Professor Emérito.

Agradeço, especialmente, as palavras amáveis e altamente elogiosas que a Magnífica Reitora Maria Amália Andery me endereçou. Habitado a ouvi-la, sei de seus altíssimos predicados retóricos, mas, mesmo assim, não pude deixar de me surpreender com a magia de suas palavras, que me transformaram em um grande pensador. A respeito delas, eu, que não

passo de um estudioso da Ciência Jurídica, só posso dizer que foram excessivamente generosas, ditadas mais pela sua fidalguia, do que pelos meus reais méritos.

Agradeço, igualmente, as palavras generosas do eminente Professor Doutor Vidal Serrano Nunes Jr., Diretor da Faculdade de Direito, mestre incontestável do Direito Público, que, com seu descortino e competência, tem mantido nossa Escola no padrão de excelência que sempre a caracterizou.

**3. Prezados amigos. Vivo, agora, um momento de grande emoção.**

Lembro-me, com saudade, daquela manhã radiosa e ensolarada, do começo do mês de fevereiro de 1968, quando, no verdor dos meus 18 anos, fiquei aguardando a abertura do portão principal do hoje prédio da Reitoria, para me submeter aos exames vestibulares – que, à época, não eram unificados –, com o intuito de ingressar na Faculdade de Direito dessa Universidade. Tímido e embaraçado, trazia no olhar e no espírito a inquieta indagação de quem se aventura rumo ao desconhecido. Era o primeiro passo na árdua caminhada que me conduziria à laurea do bacharelado.

Por mais que minha imaginação fosse fantasiosa – como soem ser as imaginações dos jovens – não ousava sonhar com o esplendor desta manhã, tão distante no tempo, tão longo o caminho percorrido. Cinquenta e cinco extensos anos.

Em suma, o alvoroço da chegada, não me permitiu antever o futuro.

**4. Agora, voltando as vistas para aqueles dias decisivos de minha vida e rememorando a singeleza daquele distante vestibular, sinto escorrer, em minha alma, uma lágrima de saudade.**

Parece-me que tudo aconteceu ontem, tão nítida em minha memória a lembrança daquela alvorada. E, no entanto, já se passaram cinquenta e cinco anos.

**5. Pois bem. Na semana passada – sabendo desta cerimônia –, peregrinei pelo “prédio velho”, onde funcionava a Faculdade de Direito, quando a cursei. “Prédio velho” que não visitava há tempos. Ao pisar no segundo andar, onde tive minhas aulas do Curso de Bacharelado, comecei a ouvir, de início timidamente, depois em tropel, os passos dos professores que ali haviam me ensinado: Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, José Pedro Galvão de Souza, José Horácio Meirelles Teixeira, Adib Casseb, Leonardo Van Acker, André Franco Montoro, Nicolau Nazo, Paulo Bonilha, Waldemar Mariz de Oliveira Jr., Benedito Ulhôa Vieira, João Batista de Oliveira e Costa Jr., José Dalmo Fairbanks de Matos, João Bernardino Garcia Gonzaga, José Frederico Marques, Washington de Barros Monteiro, Hermínio Alberto Marques Porto, Geraldo Ataliba. São nomes que meus lábios pronunciam**

com admiração e respeito. De suas límpidas inteligências muito me beneficiei. Afinal, como tocar o raio, sem ficar incendiado?

Estão todos aqui presentes, em espírito. Vivem em minha mente e em meu coração. Aguardam por mim, o reencontro na Eternidade. Saudade!

**6.** Mas tive outros notáveis professores que, nesta Casa, continuam a difundir suas luzes e saberes, como o Professor Emérito e Titular Paulo de Barros Carvalho. Suas aulas – claras, precisas e eruditas – já sinalizavam a carreira fulgurante que o aguardava.

**7.** Peço vênua, igualmente, para saudar meus ex-alunos Ricardo Anafe, Vidal Serrano e Fábio Mariano, meu colega de turma Antonio Cedenho e meu colega de concurso de ingresso no glorioso Ministério Público de São Paulo, Jaques de Camargo Penteado, o maior Procurador de Justiça que conheci.

**8.** O tempo foi passando, e outros grandes nomes da área jurídica vieram juntar-se aos que já citei. De antemão pedindo escusas por não poder nominá-los todos (até para evitar imperdoáveis esquecimentos), saúdo-os nas pessoas da Professora Doutora Julcira Maria de Mello Vianna, Diretora Adjunta da Faculdade de Direito, e dos seus chefes de Departamento. São todos educadores esclarecidos e adiantados.

**9.** Como não poderia deixar de ser, rendo homenagens à minha mulher Elizabeth Nazar Carrazza, uma estrela guia, que sempre me indicou os melhores caminhos a seguir, nos estudos, no trabalho e na vida.

Quando a conheci, em 1973, no Curso de Mestrado em Direito Tributário da PUC/SP, ela estava muito à minha frente, não só em termos sociais e culturais, como em conhecimentos jurídicos. Generosamente, abriu-me portas, instruiu-me acerca dos intrincados segredos da tributação e aproximou-me dos integrantes da *Escola Paulista de Direito Tributário*, liderada pelo saudoso professor Geraldo Ataliba.

Por essas e outras razões, sou-lhe um eterno devedor.

**10.** Registro, ainda, por oportuno, que tive o privilégio de, nos meus 49 anos de docência superior, presenciar várias gerações de alunos, que passaram por mim como folhas e flores de uma eterna primavera.

**11.** Prezados Amigos.

É ponto pacífico, que o tempo esbordea a mocidade com o fuste da velhice. Aos poucos, os que ainda ontem eram jovens, se dão conta de que não restam tantos grãos de areia, na parte superior das amпуlhetas das suas vidas.

Mas vejo, com satisfação, que o futuro já chegou. E chegou com vantagens em relação a mim, que estou prestes a ensarilhar as armas. Digo com vantagens, porque, os jovens juristas estão revolucionando o Direito, nas múltiplas carreiras em que atuam. O mesmo ideal move esses homens e mulheres: o de proteger e dar a todos dignidade e justiça, sem distinções de sexo, de raça, de gênero, de posição política, de credo religioso, de condição social ou de fortuna.

**12.** Muito bem. É em nome de todas essas pessoas, do passado e do presente, que recebo hoje, com muita humildade, este título que tanto me distingue e entenece meu coração.

Sou-lhes profundamente grato. Jamais esquecerei este momento que imprime em mim as marcas da honra e do respeito. Há anos venho dizendo, e com justificado motivo: a PUC/SP nada me deve; eu, sim, devo tudo a ela.

**13.** Minhas senhoras e meus senhores.

Permitam que eu lhes fale um pouco de mim. Se não trago o renome, os títulos e os trabalhos dos juristas que mencionei, reivindico o direito de proclamar que partilho com eles da mesma dedicação e do mesmo amor ao Direito e à Justiça. Formado há 50 anos, posso dizer que tenho 55 anos de exercício da profissão jurídica, pois meu primeiro dia de Faculdade foi também o primeiro dia em que passei a frequentar as bibliotecas especializadas, as salas de aula e os Tribunais.

Penso que não há nada que não tenha visto em minha profissão.

Fui Promotor de Justiça e, depois, Procurador de Justiça, cargo no qual me aposentei. Hoje, advogado, convivo diuturnamente com as grandes questões jurídicas, mormente na área do Direito Tributário.

Ingressei na carreira docente, aqui na PUC/SP, em 1974, como instrutor voluntário, passando, em 1976, à condição de professor auxiliar de ensino, agora contratado. Aqui fui galgando os degraus da carreira universitária, tornando-me sucessivamente, professor assistente-mestre (ainda em 1976), professor assistente-doutor (em 1978), professor associado (em 1985) e, finalmente, professor titular (em 1989).

**14.** Ao longo da vida acadêmica e profissional empenhei-me ao máximo em defender meus pontos de vista, com urbanidade e comedimento. Se fracassei nesse intento, não foi por falta de empenho. Antes, sempre procurei desarmar meus adversários pela persuasão; jamais feri-los ou humilhá-los. E quando reconheci a inutilidade da polêmica e o intuito puramente agressivo do contendor, preferi a solução pacífica do silêncio. Em suma, nunca tive a intenção de prejudicar a quem quer que fosse.

De qualquer modo, peço humildemente perdão a quem, involuntariamente embora, possa ter ofendido ou magoado.

Agradeço a Deus, que me guiou e protegeu, quando fraquejei diante dos naturais embates da vida. Continuo a Nele crer, assim como na Santa Igreja Católica e nos seus ministros. Também me orgulho de pertencer à União dos Juristas Católicos de São Paulo (UJUCASP).

Sou igualmente muito grato aos Irmãos Maristas, grandes educadores, que me inculcaram o amor ao estudo, à leitura e à reflexão, que é inimiga das leviandades e das precipitações. Deles digo que merecem a frase do grande Ruy Barbosa: “A suprema santificação da linguagem humana, abaixo da prece, está no ensino da mocidade”.

**15.** Porém, não estou aqui para fazer minha apologia, já que cedo aprendi que elogio de boca própria é vitupério. Depois, não passo de um homem pequeno, que tenta ser maior do que os deuses em geral o permitem. Apenas afirmo que fui e continuo sendo um estudante; um eterno estudante, sempre procurando aprender.

Aprender com os maiores, aprender com os pares, aprender com os alunos, que ninguém é tão professor que não possa ser um pouco aluno, nem tão aluno, que não possa ser um pouco professor. Afinal, é do entrelaçamento de ideias que, no mais das vezes, faísca a verdade.

**16.** Aqui na PUC/SP aprendi a não desanimar, ante os reveses dos quais ninguém se furta. Que, quando se tem vocação, o próprio exercício da atividade jurídica é a melhor paga; que se deve aproveitar a enorme e maravilhosa oportunidade de fazer o bem.

Aqui na PUC/SP também aprendi o real significado da palavra “entusiasmo” (etimologicamente, “um deus interior”). Esse “deus interior” habita na Casa e nos dá a atitude intelectual otimista, ágil e dialética, que caracteriza o jurista de hoje.

Enfim, não é só a técnica que aqui aprendemos, mas o *divino entusiasmo* de praticar aquela que para mim é a mais bela das Ciências: a Ciência Jurídica. Mais bela, porque engrandece o homem, mesmo o desfigurado pelo crime.

Estou com D. Eugênio Salles, saudoso Cardeal Emérito do Rio de Janeiro, quando proclamou, com grande sabedoria e caridade cristã: “Bandido tem direitos humanos também; não tem o direito de ser bandido, mas não pode ser injustiçado”.

Como discordar deste santo homem?

**17.** Minhas senhoras e meus senhores!

Nossa Faculdade de Direito é considerada a melhor do País. É interessante notar que não se impõe pelo vulto arquitetônico. Pelo contrário, o prédio que a abriga é até bem modesto e tem muitas deficiências. Existem, seguramente, por este Brasil afora, algumas dezenas de Faculdades de Direito mais bem instaladas do que a nossa. A nossa, porém, tem uma mística, um fogo sagrado, que a maioria das outras luta em vão por obter.

É que, na Faculdade de Direito da PUC/SP os alunos não recebem apenas *informações* sobre as leis vigentes e o melhor modo de interpretá-las e aplicá-las. Recebem, acima de tudo, *formação jurídica*, isto é, a capacidade de compreender os textos normativos e de resolver, com espírito crítico, os grandes problemas do Direito.

Mais: nela aprimoram o conhecimento dos valores humanos, como a liberdade, a coragem cívica, a responsabilidade social, a justiça...

Nela é ensinado ser o estudo, ainda, a maior arma de combate. É um tesouro que se acumula dia a dia; não vem de herança, mas do esforço próprio; termina sempre por dar a vitória a quem o possui em maior extensão e com maior profundidade.

Aqui, também é ensinado que vencer não é amealhar fortuna. Vencer é viver com honra; é ampliar os próprios conhecimentos; é melhorar o mundo e os homens; é renovar a cultura; é ter a certeza íntima do dever bem cumprido.

Aqui, em suma, é ensinado que vencer, para o profissional do Direito, é estancar o sofrimento moral da vítima; é reparar a injustiça; é apagar a mágoa do oprimido; é dar a cada um o que é seu, mesmo que a caminhada seja longa, a fadiga imensa, a retribuição mesquinha.

**18.** Proclamo, por indeclinável imperativo de justiça, que, nesta Universidade, ninguém – professor, funcionário ou aluno – é punido ou premiado por sua ideologia. Aqui reina o princípio do respeito recíproco, da liberdade docente, da tolerância. E a tolerância, especialmente, é a condição essencial da vida universitária.

Friso que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com seus 77 anos, completados ontem, de profícua existência, não é simplesmente aquele elo entre o passado e o presente, a que Marcel Proust se referia em seu famoso “Em busca do Tempo Perdido”. Não! Seu glorioso brasão “A sabedoria e a Ciência serão aumentadas” (*Sapientia et Avegitur Scientia*), já revela que esta Casa é um instrumento de preservação do que há de melhor do passado, para que se construa um futuro mais sábio.

**19.** Ressalto, ademais, que a PUC/SP nos incute, acima de tudo, o amor à verdade. Verdade que, segundo estou convencido, só se alcança fazendo refulgir e, por vezes, até mesmo arder as coisas. Do contrário, isto é, permanecendo em atitude de conformismo diante do

preestabelecido, não apenas ficamos inertes, como regredimos, o que, convenhamos, desserve à causa da Ciência.

Afinal, como apregoava Pascal, “o homem é visivelmente feito para pensar”. E – ousou acrescentar – pensar corretamente, na busca incessante da verdade.

Assim procedendo, atendemos à exortação do Papa Paulo VI, no sentido de fazer da Universidade “a cidade da inteligência”, colocando-a a serviço do aperfeiçoamento humano.

**20.** Mas, para tanto, devemos lutar. Lutar, não apenas com palavras. Lutar com atos de coragem, contra todas as formas de injustiça: a injustiça da fome, a injustiça da miséria, a injustiça da doença, a injustiça do descaso, a injustiça da degradação da pessoa humana.

De fato, devemos lutar em favor do homem sem direitos, sem teto, sem-terra, sem saúde, sem verdadeira liberdade...

Vale, aqui, a advertência de João Cabral de Mello Neto, em sua clássica *Morte e Vida Severina*, peça tão cara a todos nós da PUC/SP: “É difícil defender só com palavras a vida (ainda mais quando ela é esta que se vê, severina)”.

Mas o povo não quer apenas Justiça que não o atende, nem Direito que não o conhece. Quer, sim, Justiça que se cumpra e Direito que o respeite.

### **21.** Queridos Amigos.

Em meio a esta profissão de fé, quero que saibam do orgulho que senti – e que, certamente, os professores da Casa partilham – ao responder pela vez primeira à pergunta “o que você faz da vida?”. Disse: “sou professor da Faculdade de Direito da PUC/SP”. Da legendária Faculdade Paulista de Direito, que, nos seus 77 anos de existência, já deu ao mundo incontáveis juristas, magistrados, promotores, advogados, delegados de polícia, empresários, políticos, ministros, filósofos, embaixadores, todos homens e mulheres de ação e de pensamento.

**22.** Aqui chegando, noto que se aproxima a hora de cassar as velas do meu discurso, que já é mais longo do que deveria, embora minúsculo para retratar o quanto sou grato aos amigos que me homenageiam.

Antes, porém, quero agradecer de modo especial, à minha mulher Elizabeth, às minhas filhas Ana Paula e Ana Beatriz, aos meus genros Carlos Gustavo e Gustavo Marzo, aos meus irmãos Dante, Roberto e Mário, aos meus cunhados Márcia, Mário, Soli, Vera Maria e Sylvia, aos meus saudosos pais João e Milba, aos meus igualmente saudosos sogros Emílio e Amalin, aos meus recentemente falecidos tios Ledo e Léa, aos meus co-sogros Lisboa, Julcira, Flávio e Eliana, aos meus netos – alegria e encanto da minha vida – Laura, Helena, Angelina, Carolina

e Antonio, e também à saudosa cunhada Christiane – que, tão jovem (31 anos), preferiu o Céu –, pelo apoio, estímulo, amor e amizade que nunca me negaram.

**23.** E, agora, a mensagem final.

Como se sabe, o Brasil vive uma grave crise moral, política e social. Longe, de muito longe, vem o estribilho, que já enfastia.

A reiteração dos casos de corrupção e de fraude e – o que é pior – sua impunidade, acusam a ineficiência dos Poderes Públicos. Esses fenômenos estão se tornando tanto mais perigosos, na medida em que habitam as pessoas a aceitar o desacato à lei e à ordem pública.

Cabe a todos nós lutar para corrigir os erros e desvios que nos apequenam e envergonham perante as nações que o lugar comum apelidou de cultas e civilizadas.

**24.** Os pessimistas certamente dirão que tudo isso não passa de uma utopia. Talvez.

Mas, *venia concessa*, como observou Fernando Birri, lembrado por Eduardo Galeano, a utopia existe e se confunde com o horizonte. Com efeito, damos um passo e o horizonte recua um passo; damos dois passos e o horizonte se afasta os mesmos dois passos; damos dez passos e o horizonte corre dez passos além. Por mais que caminhemos, nunca alcançamos o horizonte.

Então, para que serve a utopia? Exatamente para isso: *para caminhar...*

**25.** Falei-lhes, há pouco, em D. Quixote. E agora volto a mencioná-lo.

Sempre que saímos, com bons propósitos, rumo ao impossível, confiando a Deus o resultado de nossas ações, é de acordo com o Quixote que estamos agindo. Agimos, sabendo que o heroísmo do cavaleiro não está em seus feitos, mas nas disposições de sua alma. Afinal, fracassar é, muitas vezes, apenas o ponto de partida para, afinal, vencer.

Sem mais, extremamente emocionado, e grato pela homenagem, só me resta dizer a todos, excelentes amigos: muito, muito e muito obrigado!